



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Taha-Lisboa • Telefone 5388 O. •

Officinas de impressão — Rua da Alameda, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A CONFEDERAÇÃO DOS PATRÕES

Se compararmos a agitação social do nosso país com a efervescência reivindicadora e revolucionária que por toda a Europa, de extremo a extremo, se vem observando, chegamos a concluir que Portugal se mantém numa paz pôdre, por virtude da pazez estrutural das gentes que o compõem. As reclamações operárias tem decorrido entre nós dentro de normas comestíveis, dentro duma cordura paradisíaca que nenhum ponto de contacto pode ter com o carácter violento dos conflitos sociais desencadeados além-fronteiras. Em Portugal tem-se feito greves, muitas greves mesmo, todas elas conseqüenciadas pelo nosso desenchavamento económico. Mas nos outros países as greves tem estado igualmente: na Inglaterra, em França, na Itália, na Espanha, e em muitos mais que não é necessário consignar aqui. E é ver: na Inglaterra as greves colossais dos mineiros apresentaram-se com um carácter de energia tamanha que os próprios alcorceiros políticos desse país sentiram o pronunciadíssimo abalo que o acontecimento determinara. Em França a sublevação operária patenteou-se duma maneira decidida durante o ano findo, e de que a revolta cada vez mais se radica no espírito dos trabalhadores franceses é prova a orientação predominante do congresso há pouco efectuado em Tours. Na Itália, a revolta proletária chegou até à apropriação de fábricas, indício assustador para a burguesia de que se pretende realmente a revolução emancipadora levada ao fim dum modo decisivo. Na Espanha, a dissensão antiga entre a classe operária e patronal atingiu os píncaros do encarniçamento e de parte a parte se joga a vida, não raro sendo que, em Barcelona, fiquem as ruas manchadas do sangue vertido na sequência de um tal acoso combativo.

Só em Portugal o movimento social tem decorrido numa serenidade admirável. As reclamações operárias são modestas, as atitudes correctas, as greves ordeiras. Nada que possa produzir nas fileiras patronais o assombro ou o terror. Reclama-se pouco, muito menos do que as circunstâncias aconselhariam a reclamar, e tudo isto se faz duma maneira que não dá margem à intervenção legítima das forças da ordem.

Pois parece que desagrada aos patrões uma situação assim. E eis-las a procurar desastrosamente tornar mais graves as incidências da luta operária. Os patrões reúnem, parece que no intuito de esmagar, de impedir por uma vez as reclamações dos trabalhadores. Tinham à mão um excelente meio de alcançar os seus fins. Eles, os das fábricas, os das lojas, os da finança, os do comércio, os da agricultura, procurariam concen-

tar-se para pôr cõbro ao descabro em que o país mergulha cada vez mais. O lavrador cultivaria mais, e mais racionalmente, olhando de preferência para os interesses da colectividade. O da finança especularia menos. O do comércio abster-se-ia de tornar revoltante o seu negócio, isto é, não roubaria tanto.

Reuniões, as chamadas forças vivas estudariam a situação económica do país e trabalhariam por modificá-las, melhorando-a. Assim se conseguiria talvez apaziguar esta agitação, aliás apocada, em que os meios operários, na defesa do sacratíssimo direito de garantir a existência de quem trabalha, se tem lançado nos últimos tempos. Acontece porém que os senhores patrões seguem orientados bem diversa. O que eles procuram combinar foi armar-se. Espingardas, pistolas, revólveres, possivelmente também metralhadoras e canhões, tanks e gases, tudo para pulverizar os trabalhadores quando eles pensassem em reclamar.

Evidentemente, nós não tomamos a sério a fúria mavórtica dos senhores patrões. Nem nós nem ninguém os toma a sério, e ainda ontem um jornal, aliás burguês, dizia que fora Polichinel, vindo dos seus domínios da força, quem presidira à ideia de efectivação das reuniões patronais. Os patrões, nós conhecemos-lhe bem a psicologia. Muito apegados à vida e ao dinheiro, muito tementes a Deus, muito receosos dos bolchevistas, mais incapazes dessas cavalarias altas e guerreiras que tam entusiasticamente aprovaram na sua risível sessão secreta.

Antes assim. Os senhores patrões não querã de maneira nenhuma abandonar o conforto de suas casas para se aventurarem em trágicas esperas de grevistas, pela calada da noite. Gente amiga do sossego, estamos em dizer que a simples detonação duma pistola lhes perturbaria imensamente o sistema nervoso. E depois...

E depois a coisa tem seus perigos. Os senhores patrões tem por seu lado a força pública, a protecção dos governantes, os recursos monetários. Parece que todos estes meios de defesa deveriam bastar-lhes. Querem mais, porém. Querem pólvora. Querem a guerra, no que ela tem de mais sangüinolento. E' ditado antigo o que diz que quem vai à guerra dá e leva. E, no que respeita a levar, pode ser que a dose exceda toda a expectativa dos senhores patrões, enquanto o que concerne a dar fique aquém das suas esperanças. Apraz-nos tratar com os senhores patrões, assim, como neste momento estamos fazendo, de pena na mão. Mas se se tratar de empregar outras armas, talvez não sejamos nós dos mais desajeitados em fazer uso delas.

Em volta de duas prisões

Noticiaram os jornais, com aquela noção da verdade que nós conhecemos, que o operário tipógrafo Paulo Eduardo dos Santos, preso em Torres Vedras, confessara ter tomado parte no atentado contra António Maria, ou António da Praça. Segundo uma carta que aquele preso nos remetiu, esta notícia é absolutamente falsa. Paulo Eduardo dos Santos diz que à hora em que se deu o atentado estava em casa tomando uma refeição.

Tomou a polícia como fuga a sua ida para Torres Vedras e não Torres Novas, como dizem os jornais, respondendo o acusado, com toda a lógica, que se realmente quizesse fugir não se conservaria em Lisboa durante quatro dias após o atentado. Foi para Torres procurar o trabalho que de facto ali encontrou.

Uma comissão delegada do Sindicato Único Metalúrgico esteve ontem no gabinete da polícia de segurança do Estado informando-se da situação de Armando dos Santos, seralheiro de automóveis, que, como noticiámos, há 7 dias foi preso em sua casa pela mesma polícia, sem que até hoje fosse sequer interrogado!

Essa comissão foi dito que o referido operário se encontrava preso em virtude duma suspeita, de que a polícia anda a ver se tem a confirmação! Desde que tal não se dê, e passados os 8 dias fixados pela lei, será pôsto em liberdade.

A ver vamos...

CONFERENCIAS

Curso de criminologia e direito penal

Na Universidade Livre, realiza-se no domingo a sétima conferência deste curso, a que o distinto professor dr. Carneiro de Moura, tanto brilho tem imprimido, tratando o tema de: Os estabelecimentos correcionais. — O de grão. — A regeneração. — A capacidade de trabalho dos delinquentes. — Estímulos de degenerescência. — Psicose. — A criminalidade portuguesa. — A antropometria. — Os crimes contra a religião. — Os crimes praticados por abuso de funções religiosas.

Uma associação operária contra o álcool

Havendo certos elementos avançados reconhecido a necessidade de organizar no meio operário uma campanha activa e sem platonismos contra o flagelo social do alcoolismo, realizam-se há 21 horas da próxima segunda-feira, 17 do corrente, na C. G. T., uma conferência em que o propagandista Luciano Silva apresentará as bases de uma associação anti-alcoólica operária para a qual desde já se espera a adesão de trabalhadores conscientes que desejem concorrer para a extinção do alcoolismo, a mais característica praga da desorganização burguesa.

A BATALHA vende-se em Paris na rua d'Abbeville, 18.

A RÚSSIA POR DENTRO

(DA «ROSTA-WIEN»)

Um manifesto do Congresso aos trabalhadores da Rússia Sovietista

MOSCÓVIA, 2. — O presidente do VIII Congresso dos Sóviets, Kalinina, publicou o seguinte manifesto: «O VIII Congresso pan-Russo de operários, camponeses e soldados vermelhos felicitou todos os trabalhadores da República pela grande vitória alcançada sobre o inimigo do proletariado e tem por dever exprimir a sua gratidão a todos os que para ela deram o seu concurso. Soldados vermelhos! Filhos de operários e camponeses da Rússia! Durante três anos de luta contra os inimigos sem número destes provas de coragem que o país libertado do jugo capitalista jamais esquecerá. Muitas vezes mal preparados, mal vestidos, bem poder contar com reservas, não tendo para comer e cheios de fadiga, marchastes contra o inimigo poderoso, porque a República vos tinha confiado a sua sorte e vós deveis levá-la à vitória. Os nossos inimigos estavam bem armados, bem vestidos e bem providos. Os capitalistas provisionaram cada organização que quizesse concorrer para o estrangulamento da República de operários russos, ao passo que nós não tínhamos muitas vezes o necessário para evitar, aos nossos defensores, a fome, o frio e as doenças. Sofrestes com paciência todas as privações, porque compreendestes que não era a República empobrecida, mas os imperialistas a causa dos vossos sofrimentos. Glória, a vós, filhos fiéis da República proletária, que no mais grave momento da vossa existência sacrificastes as vossas forças, a vossa vida.

Operários, camaradas! Os três anos de revolução foram para vós uma época de grandes sofrimentos e de privações. Passastes fome como nunca. Mas a fome não pôde forçar-vos a ajoelhar em frente do capital, a bater em retirada nem a fazer-vos perder a fé na vossa própria força. Nada conseguiram arrancar das vossas mãos a bandeira vermelha da revolução. O vosso trabalho pleno de sacrifícios assegurou no front vermelho a vitória contra as forças brancas. Glória à classe que, na época da fome e da luta, encontrou força para encorajar os pusilânimes e os desesperados e para punir os bandidos! Camponeses, camaradas! O exército vermelho não teria podido vencer e os operários nas cidades teriam morrido de fome, a indústria ter-se-ia arruinado e não tivéssemos dado ao Estado o superfluo dos cereais. A maioria dos camponeses respondeu ao apelo do poder proletário e cumpriu o seu dever para com a República. Estes camponeses compreenderam que ajudavam os seus filhos dando o trigo à cidade para receber no futuro tudo de que necessitam para a reorganização da economia rural. O camponês deu o pão ao operário, embora tenha de trabalhar hoje em condições mais difíceis do que dantes. Vamos dedicar agora todas as nossas forças ao trabalho pacífico. Ainda um ano mais de esforços e nos nossos lares deixará de haver frio e falta de luz; ainda dois ou três anos e nós teremos posto em bom estado os nossos meios de comunicação e as nossas oficinas; ainda três ou quatro anos e não haverá na nossa República gente mal vestida e mal calçada. Ainda cinco anos e as feridas da nossa economia pública destruída pela guerra estão curadas. Ao trabalho, pois, proletários da Rússia! O vosso órgão supremo de poder, o Congresso pan-russo dos Sóviets vos conduzirá a novas vitórias. Viva a vitória próxima no front do trabalho. (a) Kalinina.

Lénine e a questão agrária

MOSCÓVIA, 3. — Na última sessão da fracção comunista do Congresso pan-russo dos Sóviets, Lénine pronunciou um discurso do qual extrairmos as seguintes passagens: «Para levar a bom fim o trabalho que queremos realizar, a reconstrução da agricultura, devemos fazer esforços extraordinários mas para isso é necessário que empreguemos todas as nossas forças. Para melhor conseguirmos esse fim é necessário recompensar todas as pessoas que trabalharam com sucesso e fizeram esforços particularmente notáveis. As explorações rurais que deem resultados notáveis serão recompensadas com máquinas e utensílios agrícolas. Mas não que respeita a meios de produção é necessário que fiquem propriedade colectiva, não devem servir de prémios para recompensa de esforços pessoais.

O comércio exterior

MOSCÓVIA, 3. — Chegaram a Yamburg, vindos da Suécia, 13 vagões de tecidos e 52 caixas contendo peças para construção de vagões de mercadorias.

Relações comerciais com a Turquia

CONSTANTINOPLA, 3. — Kusniss, representante das Cooperativas russas, chegou a Constantinopla, com a missão de reatar as relações comerciais com a Turquia.

A desmobilização do exército vermelho

MOSCÓVIA, 3. — O VIII Congresso dos Sóviets decidiu a desmobilização parcial do exército vermelho. Foi publicado a esse respeito o seguinte comunicado: «O conselho do trabalho e da defesa da República, convencido do dever que consiste em diminuir parte das forças quantitativas do exército vermelho e de manter, por outro lado, as forças combativas da República, propôs ao Congresso uma série de medidas. O conselho do trabalho e da defesa, tomando em consideração as condições de transporte e desejando assegurar para a República o mínimo de forças militares que é necessário para a combatividade do exército vermelho, espera poder desmobilizar até ao meio dia do estio de 1921 a metade do contingente do exército vermelho. De conformidade com um decreto, com data de 11 de Dezembro, do conselho de guerra revolucionário da República as classes de 1885 a 88 foram licenciadas. As classes de 1889 a 91 não serão até nova ordem desmobilizadas senão parcialmente. Mas o conselho de defesa julga poder desmobilizar completamente, dentro de 4 ou 5 meses, não só estas últimas mas quasi todas as classes de 1892 até 1895.

UM BRADO

A crise corticeira

avizinha-se com o seu horroroso cortejo de misérias

Não somos pessimistas. Não nos desanimamos as cousas conforme nos as apresenta a triste realidade dos factos. A imprensa tem, ultimamente, revelado as graves crises que algumas indústrias estrangeiras atravessam, apresentando número aterrorizantes de operários sem trabalho.

A crise apavora, asfixia todos os que directa ou indirectamente concorrerem para que ela se manifestasse em circunstâncias tão trágicas. Sem trabalho existem, na Inglaterra, para mais de um milhão de operários e na França cerca de 800.000.

A Bélgica e a Itália debatem-se igualmente numa agonia lenta, e a América do Norte vê engrossar assustadoramente a legião imensa dos sem-trabalho.

E toda esta vasta crise que avassala as grandes nações industriais, independentemente de outras circunstâncias que para isso possam concorrer, provém da super-produção, levada à prática por operários inconscientes, que não olhando o dia de amanhã, apenas pensam no lucro imediato que o seu esforço físico, empregado além das 8 horas de trabalho diário lhes proporciona.

As crises de trabalho nas grandes nações industriais, que são as que ora vêm crescer a onda imensa dos descontentes, pode ser debelada, porque os seus governos, atentando na gravidade que um tal estado de cousas pode provocar, procuram, sem dúvida, distrair os desempregados para outros serviços até que a situação das indústrias que atravessam a crise se normalize.

Na Inglaterra os operários, à falta de trabalho fora dos seus ramos de serviço, muito mais podendo comportar, se al-

NO THEATRO NACIONAL

A conferência de amanhã

E' amanhã que às 14 horas e não às 15, como por lapso ontem dissemos, o nosso amigo dr. Campos Lima realiza no Teatro Nacional a sua anunciada conferência sobre as propostas de finanças, da autoria do sr. Cunha Leal, que assistirá à exposição do dr. Campos Lima, com quem possivelmente estabelecerá controvérsia.

Conforme *A Batalha* tem dito, esta conferência é realizada por iniciativa da Confederação Geral do Trabalho, que tendo apreciado, em reunião do Conselho Confederal, aquelas propostas, sobre o assunto votou um parecer que há tempo publicámos, tendo ao mesmo tempo deliberado promover a mais larga discussão em torno do documento apresentado ao parlamento pelo actual ministro das finanças.

Atento o manifesto interesse que não só no meio operário, mas também entre todas as classes, está despertando a conferência do dr. Campos Lima, é de crer que a ampla sala do Teatro Nacional seja pequena, amanhã, para receber todas as pessoas que a ela desejem assistir.

A Associação dos Empregados do Estado resolveu convidar todos os seus sócios a assistirem à conferência sobre as propostas de finanças, que amanhã, pelas 14 horas, realiza no Teatro Nacional o dr. Campos Lima e a qual assistirá o sr. Cunha Leal.

AS GREVES

Carpinteiros navais e calafates

Reúnem novamente amanhã estas classes, pelas 10 e meia horas, para apreciar a marcha do seu movimento pró-aumento de salário e outros assuntos de importância.

Descarregadores de peixe

Reúnem ontem os descarregadores da secção de peixe da Federação Marítima, resolvendo reclamar da Companhia de Pescarias que o indivíduo que levava as panas seja sindicado, assim como sejam demitidas as mulheres que amanhão o peixe. Resolveu protestar junto da associação dos calafateiros de Lisboa por alguns andarem a furar a greve destes camaradas, que continua no mesmo pé. Os nomes dos amarelos pertencentes aos calafateiros são: João Moreira da Silva, António da Silva, Manuel Garcia, Carlos dos Santos, Manuel Augusto, Justiniano Neves, José dos Santos e António Simões.

Para que a organização operária tenha conhecimento, resolveu a associação dos Descarregadores de Mar e Terra dar conhecimento destes nomes. — Na reunião da Federação Marítima resolveu que estes camaradas mantenhiam as suas reclamações, lamentando todos os delegados que operários sindicados tenham feito o trabalho que aos grevistas pertence.

Marítimos de Cezimbra

CEZIMBRA, 13. — C. — Continua a greve dos marítimos no mesmo estado. Os armadores tem furado as bases do contrato, não se incomodando com os prejuízos que tem e que causam à população. Porém, à última hora, pôem de lado as condições por eles adoptadas, chamando as antigas companhias até ao dia 15 do corrente. Seria talvez melhor que os armadores todos juntos formassem uma companhia, ficando, portanto, com as garantias que querem dar aos outros.

Podem também continuar pretendendo reduzir à fome os trabalhadores, mas a pele não nos lhes de tirar. A classe apela para que nenhum camarada venha trair o justo movimento, a fim de que a vitória seja um facto.

Congresso Nacional da Indústria Metalúrgica

Para apreciação da resolução tomada pelo Conselho Confederal sobre o auxílio a prestar à realização deste Congresso, reúne hoje, às 19 horas, a respectiva Comissão Organizadora, esperando-se a comparencia de todos os seus membros, atenta a urgência dos assuntos.

guns de entre eles não tivessem a fatídica ideia de fazer trabalho à vontade, de em um dia fazerem dois, roubando a outros camaradas o direito de trabalhar para não morrer de fome.

Vê-se, pois, que camam por suas próprias mãos o abismo em que não despenham-se, fatalmente, porque não nos iludamos — a crise corticeira avizinha-se com o seu horroroso cortejo de misérias, só podendo amortecer o seu violento choque o cumprimento integral, absoluto, do horário de 8 horas.

Vamos. A classe corticeira tem passado que não pode nem deve desistir, e em nome deste passado creio que a classe manifestará a sua repulsa pelos indivíduos que a aviltam aos olhos das outras classes organizadas, voltando as suas atenções para o futuro e cumprindo duma maneira geral e inofensiva a conquista de Maio de 1919.

Cláudio MORENO

DEBATE DE OPINIÕES

UMA APRECIACÃO

sem abdicação de princípios, todos deveriam transigir

Tenho seguido o verdadeiro interesse do debate de opiniões sobre a adopção duma tática revolucionária onde caibam todas as nuances socialistas.

Embora a minha modesta maneira de ver muito pouco valha em face do critério abalizado de incontestáveis autoridades do doutrinarismo socialista, julgo-me no entanto com direito a emitir uma opinião, à qual faltará em proficiência o que lhe sobeja de sinceridade.

Tem-se falado na criação duma frente única dos avançados e esta ideia, em dado momento, tomou vulto para logo se tornar esquecida até de muitos dos seus mais acérrimos propugnadores.

Em que se fundamenta, porém, as divergências das escolas socialistas? Carlos Rates já demonstrou desenvolvidamente, num artigo inserto neste jornal, que tudo se limita a uma questão de tática, mais ou menos profícua, mais ou menos oportuna. No fundo, socialistas, sindicalistas, bolchevistas e, propriamente, os anarquistas, todos querem atingir a mesma meta. A ideia que a todos nós alenta é uma só: a emancipação social.

Há, no entanto, um ponto de grande discordância entre as várias escolas socialistas: o intervencionismo parlamentar. Este desacordo pode arredar-se, segundo a opinião de Rates, para um plano secundário, deixando a cada nuance a liberdade de acção neste sentido.

Esta ideia só revela desejos de harmonia, é justo acenar-se.

Mas conveniente se torna que frise-mos o seguinte. Nenhuma das escolas citadas repudia a urna. O próprio anarquismo, a mais elevada de puritanismo, nas suas agremiações aceita os processos eleitorais. A menos que não devamos considerar os centros comunistas e núcleos anarquistas como preconizadores do método mais radical da revolução socialista...

Entretanto admitamos que não devam confundir-se as eleições entre família — nas agremiações socialistas e nos sindicatos — com a conquista, pelo voto, de qualquer baluarte estatal.

Desde que se aceite como indispensável a transição pela fórmula Estado, pois quer este seja burguês, quer seja socialista, não deixa de ter profundos defeitos orgânicos desde que tal suceda, dizia eu porque motivo não há de admitir-se também a conquista de todos os poderes que àquela fórmula, mais ou menos directamente, andam ligados?

Porque motivo, pois, muitos adeptos do sovietismo rejeitam a intervenção parlamentar, e, bem assim, o municipalismo, que seria ainda, bem adequado ao espírito da época, uma das poucas regalias populares, e acham racionalíssimo o congresso pan-russo, que é um grande parlamento, embora retnido com intermitências, e todos os seus satélites, os pequenos congressos moscovites?

Objetam-me háo: «Mas na Rússia vive-se já em regime socialista, ainda que moderado se o encarmos sob certos aspectos».

Mas tratar-se há, ou não, duma conquista provisória?

Ali, como entre nós, e como em todas as crises onde o ideal emancipador criou raízes, não pretenderão todos os sinceros prosélitos do socialismo, mesmo muitos daqueles que concordam com o colectivismo, de festo transitoriamente, não pretenderão todas as mais completa perfeição social? Esta, em boa verdade, só poderá atingir o seu desiderato com o comunismo. Que o triunfo deste seja remoto ou esteja prestes a dar-se, isto já entra quasi nos domínios da profecia. E que para lá se caminhe por *flânes* ou que se avance violentamente, é questão a consertar entre todas as boas-vontades. Guardar para a perfeição humana, acompanhar a perfectibilidade social ou esperar que os nossos adversários dêem o remédio para o mal que combatemos o *outrance*, isto é que nos parece intrinsecamente demasiada, e até perigosa.

Do que não resta dúvida é que, por simples questões de tática, andam todos os avançados a guerrear-se, só aproveitando das nossas terras a burguesia, que espera o momento azado de refazer as forças depauperadas pela luta acesa dos últimos tempos.

Sem abdicação de princípios, todos poderiam, ou, antes, deveriam transigir um tanto ou quanto. E os próprios sindicalistas, desde que entrem na luta política, ou confessando-se comunistas ou simplesmente sovietistas, não podem fugir às necessidades do oportunismo.

Tem o sindicalismo uma esfera de acção limitada, é certo. Mas, por isso mesmo, *chacun à sa place*.

Fora dos sindicatos, que são hoje,

Trabalhadores de jornais

Assamblea magna

A fim de se tomar uma atitude definitiva em face das respostas das Empresas jornalísticas às reclamações apresentadas pelos redactores, repórteres, informadores, revisores, tipógrafos e distribuidores dos jornais de todas as cidades a serem membros de todas estas classes a reunir amanhã, pelas 17 horas, na sede da Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20.

Nenhum dos interessados deve faltar, atendendo à importância do assunto.

quanto a mim, um meio de luta apenas, se bem que de vigorosíssima acção revolucionária, os sindicalistas tem o direito, e mais do que o direito, o dever de optar, de escolher decididamente entre uma ou outra tática.

Porém, aparte a tática que cada um adopte, em sua consciência, sem sugestões forçadas, nem peias, nem menosprezo de outrem, todos devem comungar incondicionalmente no mesmo credo: a luta feroz, sem tréguas, contra a burguesia, preparando a frente única revolucionária contra a esbocada frente única dos capitalistas.

Que vamos ao parlamento para acenar do Estado as mais insignificantes regalias para o povo trabalhador, que vamos lá para lhes conquistar o terreno, o palmo a palmo, com maior ou menor dose de diplomacia, ou que encaremos o parlamento como uma reles charafica que é necessário desmoralizar para que a *desorganização* burguesa se desmorene totalmente, estas variantes de tática cabem ao critério pessoal, muito individual mesmo, de cada combatente. Que se repudie o sistema parlamentarista, considerando-o um erro tático sob qualquer aspecto dos aludidos, também é devesas legítimo.

O que não é justo, nem lógico, é que se agredam mutuamente, os socialistas, por mera divergência de acção. Eu, militante do partido socialista, e adepto da realização comunista, aceito, de há tempo a esta parte, após muitas desilusões, o intervencionismo parlamentar sob o último dos aspectos: não colaborar com a burguesia, entrando no parlamento somente para acalmar um sistema já bastante corrupto. A cooperação, quando honesta, é devorada pelos polítrqueiros. Não vale a pena o sacrifício.

Em minha opinião é conveniente que se martele muito e muito, sempre e sempre, por todos os meios, em todas as armas, pela razão, pela revolta, pelo desprezo e pelo sarcasmo.

Fixem-se, pois, desde já, as bases dum entendimento com um programa de aspirações comuns e de realizações imediatas, como o que está no espírito de todos, bem intencionados que preconizem uma sociedade melhor, e deixem-nos de tricas mesquinhas que só nos desprestigam.

Cada grupo, no socialismo, tem a sua missão bem definida.

Uma compete à organização sindicalista, outra aos sovietistas e comunistas, que são o grosso do grande exército proletário, e outra ao partido socialista, que pode contemporizar de cabeça levantada, sem ferir os ideais, e exigindo que outros não firam as suas convicções sobre um processo especial de combate.

Que vamos ao parlamento para *charchar*, que vamos fiscalizar, ou que finquemos de fora, no planqueio público, exercendo a acção noutros campos que se nos afigurem mais férteis, isto, até certo ponto, é secundário.

Todos os caminhos vão ter ao mesmo objectivo, desde que a fé nos illumine e os guias não atraiaçom a causa. E nestas circunstâncias primeiro do que tudo está o Ideal pelo qual um dia nos batemos juntos.

Ideal há só um e não morre: apóstolos há muitos e vão-se sucedendo em infinidade da existência humana.

Mário Correa da COSTA

N. da R. — Nestas cousas de jornalismo, sobretudo de jornais que marcam francamente uma posição, há por vezes necessidade de fazer certas aclarações para que o leitor não se deixe levar por interpretações erradas. E' intuitivo que *A Batalha*, que nesta secção tem dado à estampa uma já longa série de artigos, e que muitos outros tem para publicar, faz-lo com o propósito de que cada um dos signatários, assumindo a responsabilidade do que escreve, exponha os seus pontos de vista, sem que isto implique, como é óbvio, concordância da nossa parte com as ideias expostas, nem isso seria possível, tal o choque que entre muitas das opiniões seapura.

Publicando esses artigos, *A Batalha* apenas duas cousas exige dos que vem a esta tribuna: correção de linguagem e espírito operário.

Succede, porém, que temos em nome do poder um artigo de Jorge Coutinho, se fosse publicado, daria a impressão de que é escrito por um adversário, não porque nele justamente se critiquem os erros cometidos pelos que formam as nossas fileiras — por que se esse fosse o caso não haveríamos em d'isso a estampa — mas porque se chega à conclusão de que essa capacidade só se encontra na classe operária. motivo por que *A Batalha* logicamente está inibida de dar-lhe guarida.

AMANHÃ:

A remuneração do trabalho

Artigo de Carlos Rates

Os que aumentam

A Companhia dos Telefones officia ao ministro do comércio pedindo autorização para elevar as tarifas em toda a rede que explora. A Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta representou ao governo pedindo que lhe seja permitido aumentar as respectivas tarifas. E os operários é que são exigentes.

CONSELHO JURÍDICO da C. G. T.

O advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sobral de Campos, dá hoje consulta às 21 horas

